

editorial

Samora's death

Consciência pesada?

N.
6/10/87

Conforme noticiámos oportunamente, o Presidente Joaquim Chissano, ao falar, na passada quinta-feira, perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, evocou a figura de Samora Machel e, naturalmente, recordou o seu trágico desaparecimento físico, está agora quase a fazer um ano, quando o avião em que viajava se despenhou em Mbusuzini. O Presidente Chissano reiterou, perante aquele importante fórum internacional, aquela que é a posição conhecida, e amplamente divulgada, da República Popular de Moçambique sobre as causas do desastre. Reiterou, nomeadamente, que o nosso País está convencido de que o avião presidencial foi desviado da sua rota por um rádio-farol deliberadamente montado e accionado com intenções criminosas. Nada de novo, portanto, na posição moçambicana, tal como foi expressa pelo Presidente Chissano perante as Nações Unidas. Nenhuma acusação, directa ou indirecta, foi feita a ninguém, já que a inexistência de provas não permite para já fazê-las, não bastando para tanto as certezas morais que muito temos sobre a autoria do crime.

Eis porém que, abordado sobre o assunto pela Imprensa do seu país, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha, reage de forma extraordinariamente violenta, agressiva e até insultuosa para com o nosso Chefe do Estado. Não iremos questionar aqui como é que um simples ministro se atreve a insultar publicamente um Chefe do Estado estrangeiro, em violação às mais elementares normas de comportamento internacional e de relacionamento entre Estados. Tal questão só faria sentido se o Governo sul-africano fosse um governo normal, que pautasse habitualmente a sua actuação por essas mesmas normas — o que, como todos sabemos, está muito longe de ser o caso. Para um ministro de um governo habituado a fazer tábua rasa de todas as convenções internacionais, a violar todos os acordos que ele próprio assina, a desprezar a opinião pública mundial, a espezinhar os mais básicos princípios de humanidade tanto na sua política interna como externa, para um ministro de um tal governo, é evidente que é normal insultar um Chefe do Estado estrangeiro. Mais normal ainda quando o Chefe do Estado em questão pertence a uma raça que esse governo considera inferior, sub-humana, incapaz de dirigir o seu próprio destino. Não se trata, obviamente, de uma atitude isolada. Ainda muito recentemente, um outro ministro do mesmo governo, o general Magnus Malan, exibiu o mesmo despudor ao ameaçar publicamente três Chefes de Estado da região.

A questão que queremos colocar é: Qual a razão da reacção histórica de Roelof Botha ao discurso do Presidente Chissano? Nenhuma acusação foi feita à África do Sul. O dirigente moçambicano limitou-se, inclusive, a reiterar uma posição já conhecida do nosso Governo. Porquê uma reacção tão violentamente desproporcionada?

Pensamos que a resposta tem de encontrar-se com o auxílio da psicologia, mais do que a ciência política. Todos sabemos, com efeito, que a consciência pesada provoca, por vezes, estranhas reacções nas pessoas, por causa disso, já muitos criminosos, até, se têm desmascarado. Que outra explicação encontrar para a insólita atitude de Roelof Botha? Que outra explicação para a sua prontidão em enfiar um barrete que ninguém afirmara destinar-se à sua cabeça?